

Na vanguarda, com diplomacia

Da Redação
Com agências

Obed Zilma/AP 5.9.01

Depois de um dia de atraso pela falta de acordos, a 3ª Conferência das Nações Unidas contra o Racismo, a Intolerância Racial, a Xenofobia e a Intolerância Correlata acabou ontem. Os 160 países aprovaram um documento final com um estilo que os brasileiros conhecem bem: tucano. Mas não havia como evitar o “em cima do muro” numa cúpula que tratou de assuntos tão polêmicos.

Foram nove dias de intensos debates e negociações, além da crise causada pela retirada das delegações de Israel e dos Estados Unidos, contrárias às considerações de que o sionismo (movimento nacionalista judaico) é uma forma de racismo. Mas os participantes acabaram chegando a um consenso nos pontos de maior divergência: Oriente Médio e escravidão. Além do documento final, aprovaram um programa de ação de luta contra o racismo.

Os europeus aceitaram reconhecer a injustiça da escravidão e do colonialismo. Mas o acordo não pede reparações e evita explicitamente apresentar desculpas. O texto considera a escravidão como um crime contra a humanidade, que teria que ser reconhecido sempre como tal. No documento foi utilizada a palavra arrependimento (*regret*) e não desculpas (*apology*). “Era o mínimo que podíamos esperar e tivemos que lutar para conseguir isso”, declarou Amina Mohamed, embaixador do Quênia, país que, junto com o Brasil, atuou como mediador no debate.

Sobre o Oriente Médio, que polarizou a Conferência, o documento final foi moderado, ao reconhecer o sofrimento dos palestinos e o seu direito à autodeterminação. Ao mesmo tempo, diz que os judeus foram vítimas do Holocausto (com H maiúsculo) durante a Segunda Guerra Mundial. Os países árabes fizeram reservas ao ponto do Oriente Médio. Na última hora, a Síria pediu a inclusão de um parágrafo mencionando que a ocupação estrangeira é uma forma de discriminação racial.

A manobra síria, ontem à tarde, quase impediu a aprovação da declaração final. O se-



O ATOR NORTE-AMERICANO DANNY GLOVER ESTEVE EM DURBAN LUTANDO PELO PEDIDO DE DESCULPAS AOS AFRO-DESCENDENTES PELA ESCRAVIDÃO

cretário de Direitos Humanos brasileiro, Gilberto Saboia, ajudou a desbloquear o atropelamento fim da cúpula. Saboia, experiente diplomata, reconheceu que, apesar de preparado para as dificuldades, não imaginava que na última hora haveria tantos lances complexos. Muitos países, entre eles o Canadá, a Austrália, Síria e Irã fizeram reservas ao texto final.

OTIMISMO

“Foi um êxito ter conseguido aprovar a declaração”, disse Saboia por telefone ao **Correio Braziliense**, após o encerramento da reunião. “O resultado é muito positivo, pela primeira vez temos um documento tão abrangente sobre racismo”, considerou. O representante brasileiro qualificou o texto de “contemporâneo”, incorporando várias visões novas, e com declarações “fortes” como a da escravidão.

Saboia rebate as críticas ao tex-

to lembrando que a Declaração Universal dos Direitos Humanos foi considerada meio vaga e idealista quando aprovada, em 1948. “Levou muito tempo para se dar a devida importância àquele texto e hoje a declaração faz parte do Direito Internacional”, afirma o embaixador, que estava num táxi a caminho de um restaurante sul-africano para jantar depois da difícil tarefa.

“Não vai acontecer um milagre da noite para o dia”, considera. Ele repete o que a presidente da Conferência contra o Racismo, ministra das Relações Exteriores da África do Sul, Nkosazana Dlimini Zuma, disse a respeito do encontro: “A cúpula foi dolorosa como um parto, mas o bebê nasceu e agora temos que cuidar da criança para que ela se desenvolva”.

Zuma também foi recordada pela vice-governadora do Rio de Janeiro, Benedita da Silva. Segundo ela, a sul-africana encerrou a reunião falando em português: “A luta continua!”

PONTOS PRINCIPAIS

ESCRavidÃO

O documento final não pede reparações e evita pedir desculpas explicitamente — apenas lamenta a escravidão. Diz, no entanto, que a escravidão é um crime contra a humanidade. Para compensar a falta de acordo sobre as reparações aos afro-descendentes, a fórmula encontrada foi o compromisso de aliviar a dívida externa dos países africanos e assistência em saúde e educação ao continente mais pobre do mundo.

HOMOSSEXUAIS

Gays foram vencidos pela resistência dos países islâmicos que desconsideram orientação sexual como direito humano fundamental

e impuseram sua posição na Conferência. O Brasil, que defendia incluir o tema no documento, foi derrotado.

ORIENTE MÉDIO

O texto reconhece o direito à autodeterminação dos palestinos e à criação de um Estado palestino, e o direito à segurança de todos os Estados da região, incluindo Israel. Mas faz referência às dificuldades do povo palestino sob ocupação estrangeira.

MIGRANTES

O texto pede a todos os Estados para revisarem políticas de imigração que não estejam de acordo com as declarações internacionais dos direitos humanos, a fim de eliminar todas as práticas discriminatórias contra os migrantes.